

HOMENAGEM PÓSTUMA DO STJ A (ÁLVARO) PEÇANHA MARTINS¹

FRANCISCO DIAS TRINDADE

Ministro do Superior Tribunal de Justiça

Mais uma vez este Tribunal se rende a uma exigência regimental, para prestar homenagem a um dos seus que deixou a vida terrena. Adverti para a temeridade do nosso Presidente ao me designar para falar em nome do Tribunal nesta confrangedora solenidade, em que se relembra a figura ímpar do colega e amigo Álvaro Peçanha Martins, por isso que a emoção me poderia embargar a voz e impedir o desempenho da missão.

Não poderia, no entanto, recusar, porque reconheço que, tirante o seu filho, que aqui acolhemos, sou, dentre todos, aquele que maiores afinidades com ele mantinha, desde o privilégio da baianidade, que ele tanto e orgulhosamente cultuava, até a convivência estreita, a partir dos primeiros passos na Justiça Federal, que, com os colegas José Cândido e Antônio Seixas Salles Filho, juntos instalamos na Bahia.

Estimaria, porém, que a maneira de lembrar Peçanha não fosse por meio de solenidade como esta, de conteúdo tão penoso.

Melhor seria lembrá-lo pelo tanto de bom que ele era em vida, pelo cultivo das tantas amizades que soube fazer; pela devoção com que falava de seus pais e de seu irmão mais velho, Alberto, o Zozô de seus carinhos, que, por sua vez, falava do seu Alvinho com o enlevo de pai embevecido.

Bem seria recordar Peçanha pelos arroubos de uma juventude sadia e feliz, nos tempos em que a velha cidade da Bahia tinha encantos

¹Discurso do ministro Francisco Dias Trindade, em nome do STJ, na sessão solene da Corte convocada para homenagear o falecido ministro Álvaro Peçanha Martins.

que as novas eras do tumulto da metrópole já não deixa ver e não dá tempo de usufruir.

Bem é que se guarde a lembrança de Peçanha na saudade que sentia dos incontáveis amigos que, antes dele, partiram: Aloísio de Carvalho Filho, Luiz Viana, João Borges de Figueiredo, Renato Bahia, Barachisio Lisboa, Virgidal de Senna, Almir Tourinho, o bom Jayme Guimarães, Gilberto e Gilbertinho Valente, Souto Maia e tantos outros que, também, me compunge mencionar...

Bem é que a memória de Peçanha seja preservada no carinho que ele dedicava aos amigos que sobrevivem, em número tão imenso quanto era a imensidão do seu coração: Pinho Pedreira, Octávio Bulcão Júnior, Josaphat Marinho, Gilberto Pedreira, Santos Pereira, Antônio Theodoro Nascimento, Amâncio Neto e muitos outros que o faziam dizer-se, sem falsa modéstia, um "homem gostado", como o fez ao agradecer jantar no Yatch Club da Bahia, quando de sua nomeação para o Tribunal Federal de Recursos.

Bom é lembrar Peçanha na adoração que dedicava a família, D. Guiomar, consorte de todas as horas, os filhos Francisco, cujo nome é a homenagem que prestou ao pai que o deixara tão jovem, Solange, a filha querida a quem tanto admirava e, por último, ao enlevo com que envolvia os netos.

Vejo Peçanha e quero dele lembrar-me como o amigo de gestos nobres e dos casos que, com graça, contava, quase todos tirados de episódios que presenciara, senão participara: nas "boutades" do seu espírito franco e sincero que, por momentos, faziam perplexos amigos santos como D. Jerônimo, beneditino, companheiro de viagem no navio de Itaparica, ou, Frei Juvêncio, franciscano, que purificava os fins de tarde de amenidades na joalheria "A Rival", na velha Praça da Sé, de outro

patenteado amigo Jesus, e dos "meninos da Rival", Camillo, Pepe e Waldemar...

Melhor do que esta solenidade triste é aquela homenagem que faz Peçanha sempre vivo na lembrança dos seus antigos pares do nosso Tribunal Federal de Recursos e que se transmite aos que depois vieram a integrá-lo e a este Superior Tribunal de Justiça.

Tudo isto porque bom é dizer, para perpetuar a sua memória, o que se constata nas conversas dos mais antigos desta Corte: ninguém deixou mais saudades do que fez o ministro, o colega, o amigo Álvaro Peçanha Martins.